GOMES LEAL

O Estrangeiro Vampiro

CARTA A EL-REI D. CARLOS I

O' bandeira que tens cinco vermelhas chagas!
brazão dos meus Avós!.. polluida por Saxões!..
como Jesus morrendo, olhas os ceos e as vagas...
— e agonisas, como elle, em meio de ladrões!

1897
EMPRESA LITTERARIA LISBONENSE
LIBANIO & CUNHA
R. do Norte, 145
LISBOA

O Estrangeiro Vampiro

Imprensa de Libanio da Silva, Rua do Norte, 91 — LISBOA

GOMES LEAL

O Estrangeiro Vampiro

CARTA A EL-REI D. CARLOS I

Ó bandeira que tens cinco vermelhas chagas!
brazão dos meus Avós! . polluida por Saxões!..
como Jesus morrendo, olhas os ceos e as vagas...
— e agonisas, como elle, em meio de ladrões!

1897
EMPRESA LITTERARIA LISBONENSE
LIBANIO & CUNHA
R. do Norte, 145
LISBOA

Antes de começar

Um homem que tem passado talvez por amargo e implacavel, auctor de satyras causticas, e de composições lyricas, subtis, e mysteriosas, funde hoje n'esta obra os dois géneros: e, no silencio do seu gabinete, independente da influencia e dos preconceitos dos homens, como philosopho e poeta, mais uma vez escreve palavras amargas... e verdadeiras.

Sob a forma de um symbolismo mysterioso, entrevê-se o Paiz — fidalgo arruinado, pobre, e lendario, — deixando traficar e vender as reliquias dos seus Avós, fascinado por um espirito tumular, que dia a dia lhe súga o sangue das veias: o amarellece, e ennodôa nos prostibulos e nas orgias: lhe cáva as rugas, e afunda as olheiras: e, por fim, o atira, ennodoado e envilecido, á pastagem dos bichos da cova, o coração arrancado do peito... farrapo de carne triste e miseravel!

Este drama de uma alma é o drama de uma nação in-

teira. Ha uns poucos de seculos que dura esta comedia sanguinolenta.

Não sabemos se voltaremos ao assumpto mais sevéra e friamente: — mas, n'estas palavras, abrem-se os olhos a El-Rei, sobre uns homens que o cercam e aconselham, aves de mau agouro e pilhagem!..

Oxalá que elle e o Paiz conheçam esses homens nefastos, e que, como o fidalgo pallido da minha lenda, se não deixem fascinar e perder por quem os faça abicar do abysmo, com cantos e palavras magicas — que evócam a ruina e a morte!

Lisboa, 8 de Julho de 1897 (dia em que o Paiz commemora o quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a India).

Gomes Leal

O letreiro dos enforcados

Estavamos ali, mais de trez mil homens, e alguns libertos que nos guardavam:—e mal que a noute começou a descer, e que os carvalhos espalhavam em roda um aroma estonteante, nós gritámos todos a Hedic, o bardo, que nos cantasse um canto jovial, para terminarmos alegremente a noute. Mas elle cantou um canto amargo, como não se fazem já em nossos dias: cantou os Antepassados fortes, a liberdade dos bosques, e a felicidade das cavernas: e os nossos risos joviaes cessaram de repente, e todos os peitos se contrahiram como ôdres vasios...

Bardit. Trad.

Senhor!
...no meio hostil d'esta ingloria impureza,
tambem na Orgia entrei, mas sem sentar-me á meza,
e sem logar tomar junto dos convidados.
Fiquei silente, em pé, os braços encrusados,
o gesto tôrvo, mudo, as palpebras descidas...

Ora, estavam ali femeas quasi despidas,
ministros, maioraes, ricos, embaixadores.
e estrangeiros judeus... nossos crueis senhores!

Uma plebe esfaimada, atravez das vidraças
dos salões, via, tôrva, esvasiarem-se as taças,
em quanto ao ar subia o fumo das vitualhas,
que os licor's e o Xerez laivavam as toalhas,
e silvavam no ar risadas e alaridos...
Magras mães, nos degráos, os peitos resequidos
davam, com baço olhar, ao filho inerte e exangue
uma têta a sugar, d'onde escorria sangue.
E, então, clamou-me alguem:—«Poeta dos Vencidos!
faze-te a lingua e a voz dos ais e dos gemidos
dos nossos corações!—Alça uns amargos cantos,
cheios de odio ao Oppressor!.. Falla por nossos prantos!»
E então eu, acceitando o dever duro e ingrato,
alcei o canto amargo... e disse, intemerato:

«Ricos e maioraes d'este paiz á beira
de um precipicio a pique, a galgar a ladeira
da fallencia e a ruina, apoz cerrado o cofre
da Usura e da Onzena, olhae:—O povo soffre!
Mau grado o vosso riso, o fausto, as faces ledas,
ha soluços ali... aqui cancros e sedas!
Se é cego quem não vê, é mais quem não quer ver!..
É duro o seu penar, infando o seu doer:
e se em cima, no Azul, ha florestas de soes,
claras scintillações, nupcias de rouxinoes,
em baixo, nos paúes, rosnam na lama os sapos...
—Vós na orgia, a cantar, não vêdes os farrapos!

Ricos de ventre farto, e de carne oleosa,
vós vêdes o infeliz com lentes côr de rosa!..
Como andaes gordos, sãos, barbeados, e felizes,
só vêdes da côr d'oiro as chagas e as varizes!..
O Nababo, que nada em perolas e em gemmas,

não póde comprehender as afflicções supremas,
e vê mortes, prisões, lutos, tochas accesas...
da côr dos seus rubins, ou das suas turquezas.
Mackay custa-lhe a crêr afflicções socialistas,
elle que tem um cão com xairel de amethistas,
e contesta Rotschild que existam indigentes...
O Luxo perde e céga os povos decadentes!
Nero vê os clarões do incendio que escalda
Roma, atravez do seu monoc'lo de esmeralda.
Tudo o que era pavor, flamma e cinza, luctuoso,
elle viu de um tom verde, e tenro, e glorioso,
os dedos com anneis, cantando dythirambos,
na Lyra — oiro e marfim — em gregos versos jambos.
A imperatriz Theodora amava as raras flôres
venenosas: — pintou suas unhas a côres.
A imperatriz Faustina, entre outras excellencias,
diluia rubins, em vinhos com essencias.
Cleópatra real, larga, e magnificente,
liba em vinho uma perola, a mais grada do Oriente.
E era luxo orvalhar, com pó de pedras finas,
os seus cabellos de oiro as damas bysantinas.
N'estes tempos, porém, dos inventos preclaros,
dos requintes subtís, e dos luxos mais raros,
do balão, do vapor, dos progressos gigantes,
— Vanderbilt inventou a sopa de brilhantes.

Não sei se vós comeis d'essa sopa preclara,
magnifica e real... mas que deve ser cara!
Cada vez mais o Luxo ha de ir em tal augmento
que Nero chegará a par'cer avarento:
Apicio, protector do vinho e mais commercios,
que gastou, a jantar, cem milhões de sestercios,
n'um fausto que assombrou a capital latina,

chegará, no futuro, a passar por sovina:
E Creso, o rei que fez cravar nos altos tectos
do seu palacio, em Lydia, espanto de architectos,
dos reis do mundo, a Grecia, e mais das ilhas Jónias,
diamantes, rubins, carbunculos, sardónias,
chegará a tomar, na nossa raça inquieta,
dimensões de Harpagão... de sordido forreta.

Mas, ora então sabei — ricos e altos senhores,
e Estrangeiros brutaes... nossos vís oppressores!
que nos estrangulais com a garra usuraria,
que emquanto saboreaes a sopa extraordinaria
talvez de Vanderbilt... nossas mulher's e filhos
transem mil privações da miseria nos trilhos:
que muitos largam patria, e passam montes, rios,
por não ter capitaes com que arar os baldios:
que muitos burgos ha de entes sordidos, nús,
onde nunca ha brazido, e comem peixes crús:
e ha outros que, inda mais rotos, nús, infelizes,
pastam como animaes, comem hervas, raizes!..

Real Senhor, escuta: — os povos 'stão inquietos:
mas, em troca, os ladrões teem seus ventres replectos!
Nem sempre o pobre dá o pão aos pequeninos:
os ladrões teem, ao sol, palacios bysantinos!
Ha casebres sem ar, sem luz, d'entes lymphaticos:
os ladrões tomam fresco, em jardins asiaticos!
Os párias morrem nús, sem lençoes, sem ter leitos:
os ladrões para o Azul arrotam, satisfeitos!..

Senhor, certas nações que olhavam com inveja,
como a loura Inglaterra, essa ébria de cerveja,
vir do Oriente uma náo, ou esbelta caravella,

pezada dos marfins, dos coraes, da canella,
a patria a demandar, traçando larga esteira,
roubavam-n'a: mas hoje estão de mãos na algibeira,
e, sem respeito ou dó das nossas glorias mortas,
mofam — rindo de nós — assentadas ás portas!

Mas ah! não são, sómente, os normandos corsarios
que saqueado nos teem!.. Ha Consules falsarios!
Não teem sido sómente os Bretões atrevidos
que hão saqueado nações... Ha Consules bandidos!
Não teem sido sómente os Saxões, novos Hunos,
na pilhagem feroz... Ha Consules gatunos!
Não teem sido tão só do Leopardo as patas
que roubado nos hão... Ha Consules piratas!
Não são só os judeus e os corvos oppressores
que nas garras nos teem... Ha Consules traidores!

Ha ministro que tem subido ao consulado,
para explorar a Usura, o emprestimo forçado,
e mais rotos e nús deixa os povos mesquinhos
do que o morto os gaviões, nos feudaes pelourinhos!..
Mas depois, quando larga a cadeira curul,
havendo bem curvado a espinha a John Bull,
sáe todo reluzente o official saltimbanco
a alma negra, sim... mas seu peitilho branco!

É o Luxo que perde os povos já no cumulo
das mil deleitações: — ruas que vão ao tumulo!
É que a vós vos corrompe, homens effeminados
filhos dos Fortes!.. sim, que nos fez desvairados,
lusitanos pastor's!.. lançar-nos nas emprezas
guerreiras do Indostão, á cata de riquezas,
e que hoje tanto, emfim, a alma nos tortura,

que faz que, serva vil do vampiro da *Usura*,
a acorrente o Estrangeiro e o judeu da Finança,
e embalde ella se assomme á janella da Esp'rança!..

Real Senhor, escuta: — alargam-se avenidas,
talham-se outros jardins e ruas mais compridas,
novas praças e caes, vias ferro-viarias,
festas, *Te-Deums* a Deus, procissões, luminarias,
corridas, arraiaes, mil cirios com andores,
regatas, carrosseis, cem batalhas de flores,
para a satisfação das vaidades como òdres...
— mas n'alma ha lixo e pó, as almas estão pôdres!

Senhor! esses truões que estão no Consulado
são os mesmos que hão posto, á venda, no mercado
um torrão nacional! — São os mesmos milhafres,
capazes de roer até carne de Cafres!..
Pretendem tudo pôr em leilão e almoéda...
Vão direitos, Senhor, á tragica vereda,
á azinhaga fatal que a historia nos ensina
que se chama o dominio estrangeiro — a *Ruina*.

Senhor! nossos Avós, barões de ferro, os Fortes,
prostraram as legiões e as barbaras cohortes
de todas as nações, e de todos os mares...
Dos laranjaes do poente aos orientaes palmares,
do fanatico Mouro, aguerrido, e sombrio,
ao Persa, ao Indio, ao Chin, ao Malaio, ao Gentio:
do Tejo ao Mandovi, ao Ganges, ao Euphrates,
nós alçámos, bem alto, o guião, nos combates!..
Terriveis no arremesso, e calmos na defeza,
cada pedra que cáe de feudal fortaleza
deve abrir uma chaga hiante, em nossas almas,

porque essa pedra diz passados feitos, palmas,
de heroes que já não são!.. de remotos guerreiros,
que morreram, de pé, em castellos roqueiros!..
Cada pedra é uma gloria e uma saudade!.. O espanto
mistura-se ao respeito, e o enthusiasmo ao pranto
que estão cheias de gloria e estão cheias de cãs
dos nossos grandes Paes torres e barbacans!..

Ora a um povo que tem oito sec'los na Historia,
e feitos que jámais varrerão da memoria
homens de esforço, a nós, que expulsámos do solo
ao Hespanhol, ao Saxão, rasgando o nosso collo,
ao Gaulez oppressor, ao Bretão insolente,
e a Junot, o terror dos esquadrões, e ao ingente
Napoleão, ao qual nós servimos de escolho,
—que fizemos recuar e encrespar o sobr'olho...
agora a nós, Senhor, dos valentes o assombro,
pretendem os chatins... que na miseria e escombro
de todos os tropheus e aspirações honestas,
dobremos a cerviz e acurvemos as testas,
vencidos sem combate, e sem alçar a espada,
de joelhos no chão, a cabeça rapada,
como vencido hebreu das épocas remotas,
—a um bando charro e vil de judeus e agiotas!..

Jámais! Nunca! Jámais!.. emquanto prostituidas
não estiverem de todo as crenças, quaes vendidas
mulher's de Babylonia, a entregarem-se núas
ao estrangeiro impudor!.. Nunca! emquanto, nas ruas,
retinir, no lagedo, a espada de um soldado!..
Nunca! emquanto n'um monte, uma torre, um eirado,
houver uma bandeira, a acenar-nos no immenso
horisonte, assim como um largo e branco lenço

que do Azul nos acena aos corações, e ás almas,
saudades dos heroes!.. fome e anceio de palmas!

As bandeiras, ao sol, nos alcantís dourados,
parecem lenços, sim, dos bons Antepassados,
dos terriveis Avós que andaram nas procellas,
e agora andam nos soes, calcam nuvens e estrellas,
que dizem, com grande ar dorído e paternal:
—«Adeus! Adeus!.. Marchae, meus filhos, para o Ideal!»

Ai Ideal onde estás?!.. Nas funereas estradas,
saíram-te ao caminho, e morreste ás facadas!..
Chatins, sem coração! Farçantes do poder!..
ao Estrangeiro vós sois capazes de vender
de fazer empenhar, ou dar por hypothecas,
ruas, praças, e caes, museus, bibliothecas,
vetustas cathedraes, torres, sinos, badalos,
—p'ra comprar um remedio, o qual extirpe os callos!

Não receareis vender, sem remorso, e sem magoas,
as torres dos Avós que se miram nas agoas,
e o calmo rio azul, a soluçar na areia,
—para comprar Champagne, ou *foie gras,* n'uma ceia!
Vendereis, sem pudor, as torres e os castellos,
nas horas do sol pôr, tão lendarios e bellos!..
de D. João a barba, ou do Roupinho os louros,
—para os filhos pompear n'uma espera de touros!
O Tejo vendereis, mais seu claro velludo,
para comprar um quente e util *sobretudo:*
todo o estrellado Azul, o Sol, a Lua fina,
para dar um collar a uma atroz bailarina:
e a estatua de Camões, mais seus cantos fulgentes,
—para comprar um pó que limpe bem os dentes!

Ricos e maioraes d'esta orgia... Estrangeiros!
tem-se visto enforcar ladrões nos candeeiros,
que crispados, glaciaes, roxos, lingoa de fora,
balouçam, toda a noute, ao vento, até á Aurora.
O morto agita o horror!.. Mas, sem achar estorvos,
rondam-n'o os seus irmãos, os milhafres, e os corvos.

Ora o Povo é um mar. Tem coleras insanas!..
Cuidado! Farto emfim de vossas leis tyrannas,
certo dia virá, politicos corruptos!
bandalhos dos salões! Nababos dissolutos!
ladrões da Bolsa... ou vida, officiaes salteador's,
que a plebe vos açoute, em publico, traidores!
Sim, em publico e raso, e na lama do enxurro,
a tagante, a chicote, a pingalim, a murro,
como os servos feudaes, que, dobrados em arcos,
açoutavam as rãs dos lameiros e charcos!..

Cuidado! Hão de chegar dias tôrvos, funestos,
para vós, em que o povo exhausto de protestos,
roubos, depravações, rapinas, e pilhagens,
vos enforque, n'um alto, em meio das paysagens,
ou n'um baço candeeiro, á noute, n'uma esquina,
á chuva, á neve, ao vento, e irrisões da neblina,
e que assim balouceis, espectraes, roxeados,
ás grandes afflicções do vento, esguedelhados,
com distico que diga: — «*Homens de garra adunca,*
ao Diabo ide dizer que do Estrangeiro... Nunca!»

Senhor! escuta: — eu sei que ergui em canto amargo
de ironia e de de dôr! — Mas o assumpto não largo.
Maldigo o sangue e odeio os ferros assassinos:
mas o vate prevê os funestos destinos,

e, inda que não aspire a povoar cemiterios,
pelo estudo e a *intuição*, prediz dias funéreos!..
A vós cabe, Senhor! prevenir os successos,
forçando os vis chatins a alterar seus processos
de saque, de rapina, e latrocinio arteiro,
palmo a palmo, vendendo o paiz ao Estrangeiro,
a fim que a plebe, um dia, exhausta de mil próvas,
— os não mande ir servir de pastagem ás covas!..

Nem tudo, n'este globo, expôr-se se deve á venda.
Ora, ouvi esta historia.... ouvi esta legenda:

I

A Dama Triste

A bella dama toda de branco vestida...

DANTE.

Era o conde Raul um fidalgo de raça,
um tanto taciturno, amando a guerra e a caça,
habitando um palacio, o qual fôra castello,
de avoengos feudaes no tempo heroico e bello,
e tendo a religião dos seus antepassados...
Tinha, para caçar, bons falcões adestrados,
alasões e lebreos, terras, aldeias, mattas,
onde caçava e lia, á sombra, em tardes gratas.
Mal o sol descerrava as brumas e os nevoeiros,
com trompas e clarins, acordava os outeiros,
e as aves matinaes o ardente caçador...
No emtanto, era sombrio, e um tanto sonhador.

Tambem fôra, talvez, um tanto aventureiro...
Batera-se no Oriente, e o seu perfil trigueiro
tinha o tom varonil dos seus avós lendarios.
Amava o mar tambem, o cachimbo, e os corsarios!..

Narrou-me, certo dia, amigo hoje distante,
que seu pae, uma vez, com voz insinuante,
aos filhos perguntára, inda de verdes annos,
na edade de illusões e dos róseos enganos,
corações todos sãos e ainda ingenuos, puros!..
as suas vocações e projectos futuros:—
e que, emquanto um dissera, em ar de bom frascario,
que qu'ria ser prior, um outro escripturario,
e um outro general, com voz intemerata,
elle bradára ao pae:—eu quéro ser pirata!
Eu nutrí sonho egual, rosado, e feiticeiro,
na juventude em flôr!.. almejej ser *negreiro!*
Palacio de illusões, janellas côr da Aurora,
onde, a fumar, sonhei... como estaes longe agora!

Quem fumando, uma tarde, assentado á janella,
que deita para o mar, não seguiu uma vella
de um navio, na onda, a traçar larga estrada,
feita de espuma e rosa e escumilha dourada,
ás afflicções do sol?.. Quem não olha essas vellas,
ao sol chagado e afflicto, ou á luz das estrellas,
até que as some o Azul!.. pannos brancos, grosseiros,
tecidos com os ais das mães dos marinheiros!..
Viajar é esquecer!.. É doce, na amurada
de um navio, sonhar uma ilha auri-rosada,
de amor e de aventura, eterno olvido ás dores,
como a sonhou Camões, com beijos entre flores,
da côr do azul astral, ou do azulado nimbo,

que sáe das espiraes do fumo de um cachimbo?..
Viajar é esquecer!.. É procurar, ao vento,
mortalha côr de rosa a um cruel pensamento!

Ora ao conde Raul, taciturno e sombrio,
que tanto amára, outrora, a vida de navio,
e tinha hoje sómente o culto dos maiores,
quasi todos Anciãos do mar, Navegadores,
succedeu que, uma vez, de noute, meditando,
trotava n'uma estrada, á luz da lua, quando
na solidão nocturna, em meio das boscagens,
e ao luar que prateava os dedos das folhagens,
e aclarava o hervaçal de um clarão macilento,
ouviu longinquo e tardo... um canto triste e lento.

Era um canto ideal... vágo... dorído... terno,
que dir-se-hia carpir fundo desgosto eterno,
canto dorído e extranho... urna, amphora, taça
de lagrimas banhando os calháos da *Desgraça*,
rasgando os corações, com o divino assédio
de uma dôr sem egual, sem luar, sem remédio!..

Fustigou o cavallo, e acercou-se, surprezo,
d'esse canto de dôr que tanto o havia prezo:
e o ouvido distinguiu que o canto lento e aéreo
vinha da solidão calma de um cemitério...
Apeou-se. Entrou n'elle. E viu, com pasmo infindo,
uma mulher de branco, ajoelhada, carpindo.

Cantava tristemente, em cima de alva lousa,
abraçada a uma cruz. Raul nunca viu cousa,
que mais lhe confrangesse e sacudisse o peito.
Depois que ella verteu, como um caudal desfeito,

o seu chôro e o seu canto, e ergueu a alta estatura,
Raul, muito turbado, á claridade pura
da lua, divisou um rosto alvo e estrangeiro,
mais branco que um lençol de morto, n'um cruzeiro.
Acercou-se da dama alva, e de tranças louras,
e disse-lhe: — Gentil senhora! a taes deshoras,
que mágoa assim vos dóe, que se desfaz em mares
de notas, prantos, ais, que apunhalam os ares?..

A dama era mui alta e vestia de branco,
o andar airoso e lento. O olhar não muito franco,
fitou o de Raul, com pávido receio.
Metteu, com certo affan, o quer que foi no seio,
e depois, muito humilde, em tom supplice, a mêdo,
clamou: — Não pergunteis, senhor!.. Guardae segredo!

Raul prestes jurou, com vehemente protesto,
um segredo absoluto. E, com galhardo gesto,
cortezã polidez, que hoje já não existe,
beijou, — curvado e grave, — a mão á dama triste.
E, em seguida ajuntou: — Vosso canto siderio
cobre uma dôr sem fim... Respeito o seu mysterio!

Turbado, com paixão, pallido, enternecido,
viu, com lento vagar, affastar-se o vestido
da pallida mulher, nas ruas de cyprestes...
Seguiu, com longo olhar, aquellas brancas vestes
deslisando, em silencio, e com airoso porte,
na lunar solidão, entre as hervas da morte.
Mas, depois, lento e lento, o coração arfante,
passo a passo seguiu, calado, a caminhante,
a extranha apparição dos tumulos surgida...

E escreveu, no outro dia, isto á desconhecida:

A uma cantora triste:

Noute. Frio luar. Canto dilacerante!
Quem vibra notas taes, como filtros luctuosos,
que revolvem, na campa, os mortos mysteriosos?..
— Quem me faz perturbar, nocturno caminhante?..
Noute. Frio luar. Canto dilacerante!

Meu cavallo parei, cavallo de batalhas...
Cáe, parece, da lua, escorrendo desejos,
chuva de gritos, ais, de dramáticos beijos.
— Mulher que cantas tu, que o sangue me coálhas?..
Meu cavallo parei, cavallo de batalhas...

Noute. Frio luar. Quem canta a taes deshoras?..
Vejo sobre uma campa, ao luar, ajoelhada,
forma airosa, alvejante, a trança ao vento dada.
— É mãe que vem chorar talvez creanças louras!..
Noute. Frio luar. Quem canta a taes deshoras?..

Noute. Frio luar. És chymera ou mysterio?
Porque é que este caudal de diamantes pulchros
vens verter, a chorar, á beira dos sepulchros?..
— Que amargoso doer ha no teu canto aéreo?
Noute. Frio luar. És chymera ou mysterio?

Noute. Frio luar. És sereia ou vampiro?
Ai, leva-me, sereia, ao mar de madrepérolas,
e mata-me, a emballar, com essas notas quérulas.
— Ao morrer, será teu meu ultimo suspiro!..
Noute. Frio luar. És sereia ou vampiro?

Noute. Frio luar. Vem cantar no meu peito,
se és vampiro funéreo, ou fado mau te encanta!
Dorme em meu coração!.. Bébe meu sangue e canta!..
— Mulher triste, dar-t'o-hei, ás ondas, satisfeito...
Noute. Frio luar. Vem cantar no meu peito!

II

Curiosos enygmas de uma mulher pallida

> Quem é aquella joven, que se mantém retirada de todos, tão bella e tão pallida?..
>
> GOETHE.

Contar como é que o amor do conde solitario
attingiu o apogeu será desnecessario
a quem conhéce como o silencio e o retiro
avivam as paixões!.. Com um fundo suspiro,
Raul abriu, ancioso, o bilhete da dama...
Agradecia, casta e enternecida, a flamma
d'essa paixão nascente, em tom distincto e serio,
sem commentario algum, porém, ao cemiterio,
ao passeio nocturno e ao seu canto magoado:—
duas, tres phrases só de um desgosto vellado,
de um amargo doèr, que a lingua humana calla...

Mau grado isso, porém, Raul chegou á falla.
Fez uma côrte assidua á pallida estrangeira.

Amou-a com paixão intensa e verdadeira.
Sob o seu varandim, da lua aos esplendores,
a viola gemeu... mandou-lhe trovas, flores...
e com ardôr febril, cavalheiresco, bello,
deu-lhe o seu coração, seu nome, e o seu castello.

Mas a apresentação d'esta dama enigmatica
veio dar a este amor uma tinta dramática!..
A velha mãe saiu do palacio, vexada,
toda convulsa, aos ais!.. e a noiva, a *bem amada*,
seis mezes transiu só, n'um gargalhar sombrio,
a rir, n'um rir de hystéria, um livido arrepío!..

Todavia, essa dama extranha e singular
ninguem a via rir, nem comer quasi!.. O olhar
que era cheio de dôr, como afflicto poente,
só se alegrava vendo o Ouro resplandecente,
o brilhante, o rubim, a esmeralda, a amethysta,
o beryllo precioso e que fascina a vista,
o carbunculo extranho, a sardónia, a opála...

Mau grau isto, porém, Raul abriu a sala
de baile do palacio, ha vinte annos cerrada,
pôz-lhe orchideas, jasmins, toda a flora encantada
dos paizes do Sul, mesmo no inverno algente,
e apresentou a toda a mais selecta gente,
como sua real e legitima esposa,
a dama branca e triste, a bella mysteriosa.

Como é bom contemplar, nos espelhos gloriosos,
toda essa radiação dos labios voluptuosos,
das camelias glaciaes, — com ar's enfastiados—,
da luz do gaz em léque, ou dos seios jaspeados!..

Foi do baile a rainha. E fez assombro em todos
seu donaire, o seu ar, o seu porte, os seus modos:
e até essa ideal pallidez inaudita,
que trahia uma dôr... certo ar de quem medita!

Dançou sempre Raul com ella, palpitante,
aspirando, febril, o seu cabello ondeante,
e a branda exhalação da carne assetinada,
côr dos jasmins do Cabo e camelia orvalhada.
Por fim, o baile cessou. Passou-se á larga ceia,
e a Estrangeira fez gesto, um ar de quem nauseia:
—porque esse corpo ideal, assombro do estatuario,
comia, o que direi?.. menos que o seu canario!

Raul ficára só, e um pouco atraz, na salla,
dando ordens, talvez... Mas, qual trovão que estalla,
ou do raio o livôr, na estrada, a um viandante,
uma cousa o empedrou, o deixou arquejante,
quasi doudo de horror, asco, pasmo infinito,
que o sangue lhe coalhou, cortou-lhe a voz e o grito.
—Ao pé d'esse divan de setim côr de rosa,
onde sentada vira a dama branca e airosa,
e onde as mãos lhe cingira, extasiado e absorto,
de rastos, pelo chão... *jazia a mão de um morto.*
Quem seria o farçante, ou o inimigo occulto,
que mutilára assim um corpo já sepulto,
e, em meio do esplendor e dos risos da festa,
lhe quizéra pregar essa farça funesta?..
Indignado, calou aquella affronta o conde.
E, escondendo essa mão, assim como se esconde
um assassinio atroz... montou no seu murzello
e foi lançal-a ao mar—bem longe do castello!

Quando Raul entrou na ceia, novamente,
tinha um pallor mortal!. Mas, victoriosamente,
compoz o gesto e enfreou esse anceio medonho,
e entrou, com passo firme e intrépido, risonho.
Rogerio, um seu amigo, um tanto rubicundo,
entoava uma canção... Era um *toast*, no fundo,
do qual, mau grado a sua apparencia facéta,
sangrava uma paixão esmagada e secreta.
Fôra feito a uma flor doentia do inferno
gentil da corrupção do *macadam* moderno:
a um *vampiro* da moda e do *asphalto* elegante:
monstro de ouro e setim, calcáreo lampejante,
que o pozéra na rua, uma noute, ao relento,
arruinado e pobre... e, inda em cima, ciumento!

Ora eis o brinde extranho, a canção chocarreira,
que Rogerio cantou, de bizarra maneira:

Toast a um Vampiro

Ó rainha dos *Vampiros*
teu coração é de pedra!..
Em torno de ti, aos gyros,
minha alma paira, em suspiros.
Affirmam velhos papyros
que ao pé de ti ninguem médra.
Ó rainha dos *Vampiros*
teu coração é de pedra!

Vampiro, filha do asphalto,
tua patria é o *macadam!*..

Teu coração de basalto,
de prantos foi sempre falto,
tuas botinas de salto
dançam o eterno *can-can*.
Vampiro, filha do asphalto,
tua patria é o *macadam!*..

Como airosa tu bailaste
de teu Pae sobre o esquife!..
Vinte lords assassinaste,
cem banqueiros arruinaste,
mil dandys desasisaste,
com teu ar *chic* e patife...
Como airosa tu bailaste
de teu Pae sobre o esquife!..

Que graciosos piparotes
no duque de Roquelie!..
Que zombeteiros dichotes
tu dizes aos D. Quixotes,
que são pobretões e zotes,
e morrem de amor por ti!..
Que graciosos piparotes
no duque de Roquelie!..

Como rasgam corações
tuas unhas côr de rosa!..
Veem de remotas nações
altos condes e barões,
gastarem os corrimões
da tua escada luxuosa...
Como rasgam corações
tuas unhas côr de rosa!..

Ouvem-se chorar, na escada,
as almas dos que trahiste!..
Na tua cama dourada,
de beryllos cravejada,
tu accordas, tresnoutada,
a essa melopea triste...
Ouvem-se chorar, na escada,
as almas dos que trahiste!..

Que doidas noites de lua,
de ostras crúas e Bordeus!..
Oh! que sonatas na rua!
Que passeios em falua!..
E como flamma que estua,
que cantos ebrios os teus!..
Que doidas noites de lua,
de ostras cruas e Bordeus!..

Como quem trinca *bonbons*
comeste dez abbadias!..
Com ares *chics* e *mignons*,
devoraste aos homens bons
da Egreja, além de mil dons,
torres, vitraes, sachristias...
Como quem trinca *bonbons*,
comeste dez abbadias!..

Nem mesmo se viu escapa
a velha estante do côro!..
Roeste a mitra do Papa,
de um Propheta a velha capa,
e uma Virgem mui guapa,
feita por um pintor louro...

Nem mesmo se viu escapa
a velha estante do côro!

Nem mesmo escapou-te á fome
um painel de S. Ambrozio!..
Se nem tudo o Olvido some,
e nem tudo o pó consomme,
gravado fique o teu nome,
teus dentes, teu labio roseo!..
Nem mesmo escapou te á fome
um painel de S. Ambrozio!..

Boca de coraes e perolas,
comes mais que um crocodillo!..
És capaz de comer férulas,
as brancas estrellas cérulas,
as conchas da praia quérulas,
e as lamas santas do Nilo...
Boca de coraes e perolas,
comes mais que um crocodillo!..

Roeste as torres alçadas
do solar dos meus avós!
E, agora, quer's, com risadas,
minhas avós decotadas,
nas galerias douradas,
cheias de plumas e pós...
Roeste as torres alçadas
do solar dos meus avós!

Lançaste-me d'alma fóra
as borboletas azues!..
Minhas crenças cor da aurora

chorando, foram-se embora...
Minha alma pútrida agora
mais verde está que os paues!..
Lançaste-me d'alma fora
as borboletas azues!..

Róe tambem meu coração,
como devoras *foie gras!*..
Se eu morrer, abre o caixão,
Vampiro de nivea mão,
e arranca esta entranha, então,
que, ai! por ti soluçou já...
Róe tambem meu coração,
como devoras *foie gras!*

Quando ao final chegou, riam todas as bocas.
Mas, mau grado o desdem que ha n'essas trovas loucas,
um pranto lhe rolou, e soltou dois suspiros...
Começou então tudo a fallar de *vampiros*,
de horriveis bachanaes em tumulos violados.
Alguns diziam ser uns entes negregados,
que em cemiterio, egreja, ou claustro solitario,
vinham, nos mausoleus, carpir o seu fadario.
Viviam, de ordinario, em ruinas de ermidas,
arrancando aos caixões carnes apodrecidas,
com as cor's da gangrena, as hervas, os metaes...
—e, ás vezes, ao luar, davam cortantes ais!
Juntavam mais a isto: — o serem nada esquivos:
o sugarem, não só os mortos, como os vivos:
terem formas gentis de mulher's brancas, bellas:

e, em cima dos caixões, com um ar de donzellas,
muito tristes, as mãos com anneis de brilhantes,
devorarem, cantando, os seus mortos amantes.
Amávam quasi sempre os mancebos perfeitos,
que sugávam até os finárem nos leitos,
e que, aos raios da lua, os cabellos cahidos,
vinham carpir, depois... arrastando os vestidos.

Entretanto, Raul scismava, na verdade,
que a sua mysteriosa e olympica deidade,
— se acaso acreditasse em lendas, um instante...
podia bem passar por ser uma alma errante!
Não era ella tão branca, e tão pallida, e fria,
não comia tão pouco?.. E a tragica harmonia
que entoára, uma vez, com um tom tão profundo,
não soltava ella, só, nas mansões do outro mundo?..
Porque fora essa dôr tranzir no cemiterio,
dôr que Raul jámais quiz sondar o mysterio,
e só cantava baixo, e, esparsa a loura trança,
para elle adormecer... como debil creança?..
Porque via Raul, sempre, ao erguer-se do leito,
seu rosto cada vez mais cavado e desfeito,
seu corpo para o chão cada vez mais pendido,
como um velho precoce, um exhausto, um vencido?..
Porque mau grado, emfim, seus excessos constantes,
ella só adorava os rubins, os brilhantes,
nunca entrava n'um templo, e sempre tinha frio?..

Mas a dama que viu a Raul tão sombrio,
e, como que embrenhado em torvo cogitar,
soltando, com ar langue, um riso singular,
um riso angelical, um riso crystallino,
mais sonoro que um timbre, e que os ais de um violino,

perguntou: — «Meu Raul, que eu tanto quero e admiro,
que faria, ao saber, que em mim tinha um *vampiro?*

Diria — respondeu Raul — curvado agora,
e fazendo allusão ás endeixas de outr'ora:
«Se és *vampiro* funéreo, ou fado mau te encanta,
dorme em meu coração!.. bebe meu sangue e canta!..
— Mulher triste, dar-t'o-hei, ás ondas, satisfeito...
Noite. Frio luar. Vem cantar no meu peito!»

A dama cortejou, e, com rir de sereia,
deixou-lhe a mão beijar...
Assim findou a ceia.

III

A alma do velho palacio

Escutou as columnas gigantescas murmurarem...

Heine.

Como ha mudado o conde!.. Era um contemplativo,
um casto, um sonhador, mas tinha o olhar bem vivo,
olhar onde raiava um vigor indomado.
Vivia, é certo só, hoje, do seu passado,
como de um sol que doura as boscagens do outomno...
Mas tinha o sangue rico, a energia, o entono,
de alguem que quer morrer, tendo uma espada em punho!..
Mas, hoje, que mudança!.. Em todo elle ha o cunho
de um homem que deixou-se afundar nas orgias,
no lodo dos marneis, e nas mil gafarias
da taberna, o bordel, por noites lutulentas...
Tem as faces sem cor, cavadas, macilentas,
o labio desbotado, e um anceio continuo

cruza por seu olhar vitreo de libertino.
Ah, triste mãe, que dor no teu olhar azul
se visses tão fanado o teu grave Raul!..
Joven noiva ducal, gentil fidalgo lyrio!
que dirias tambem, qual fora teu martyrio,
ao ver o puro ideal das tuas visões ternas,
pela manhã, saír curvado das tabernas,
da crapula, do jogo, e as femeas sem decoro,
com as quaes maculou as suas visões de ouro,
no leito dos bordeis, no infame lupanar?..
Triste noiva, talvez, toldassem teu olhar
de amargosa piedade as lagrimas em fio!..
Antes fosses, Raul, afogar-te no rio,
por noite em que o luar as nuvens não descerra,
não ha astros no ceu, nem lyrios sobre a terra...

Qual fora a causa vil d'esta mudança extranha?
a paixão pela *dama*... essa paixão tamanha,
que depois de, no lar, lhe assentar a ruina,
arrastara-o ao jogo e á crapula suina.
Vieram, em seguida, as noites viciosas,
noites de bachanaes, as noites monstruosas,
com ceias de *foie gras*, e Champagne, ostras cruas,
o Tedio á sobremeza, e, no fim, Phrynés nuas!..

Amaría Raul as louras meretrizes,
tristes lyrios do enxurro, as Venus infelizes,
com quem velava, rindo, as noites, nas orgias?..
Não! — No turbilhão das loucas companhias,
ia arrastado sim, mas guardava, em sacrario
do coração fiel, seu amor solitario.
Assistia, sorrindo, á orgia, sem prazer!
— Jogava p'ra ganhar, bebia p'ra esquecer!

Houve um dia, porém, para elle mais nefando,
foi esse dia atroz, momento infame, quando
a dama lhe pediu... com argentina voz:
«que vendesse por fim as telas dos Avós,
telas sagradas, sim, mas já um tanto extranhas,
desbotadas do tempo e com teias de aranhas!..
Nada restava mais! — Havia algumas raras,
que podiam, talvez, venderem-se bem caras,
e ellas eram só, hoje, a esp'rança derradeira!»

Levantou-se indignado e torvo da cadeira...
e a voz quasi que preza e rouca, na garganta,
— «O que! vender meu nome e minha gloria santa»
bradou, cheio de horror... Nunca, emquanto durar
uma pedra de pé d'este que é o meu Lar!»

A dama emmudeceu, mas não se creu vencida...
Sorriu, curvou a frente... e languida, pendida,
a pouco e pouco foi, com palavras suaves,
meneios mais gracís do que o adejar das aves,
sobre o frouxel do ninho, ás horas da noitinha...
mais castos que o luar que cáe n'uma casinha
branca, com laranjaes, na quebrada de um valle...
mais subtil do que a alveloa, a pairar n'um choupal,
mais leve que falúa a deslisar n'um rio,
mais maviosa que flauta ao luar de um estio...
de tal forma sorriu, de tal guisa gemeu,
que um máo dia Raul suspirou... e accedeu.

Mas, quando ao regressar da orgia, altas deshoras,
pela salla passou, onde cem avós louras
ou de negros bandós, topétes empoados,
olhavam para heroes e guerreiros passados,

tendo o falcão em punho, ou erguido o montante,
com seu ar marcial, o bigode arrogante,
nas velhas e feudaes douradas galerias,
e aterrado só viu... as paredes vasias!
— teve um accesso amargo e incrivel de saudade,
por esse seu passado e essa gloriosa edade,
que não mais voltaria!.. o passado dos Fortes,
que cuspiam no mar, riam dos ventos nortes,
dos raios, dos trovões, escarcéos, vendavaes,
anciosos demandando as ilhas dos coraes...
— quando Raul não viu, nas paredes desertas
agora só de lixo e poeira cobertas,
isso que mais amava... essas sagradas télas
da sua santa mãe, e irmã de tranças bellas,
a essa atroz, escura, incuravel lembrança,
chorou como jamais em tempos de creança...
n'um pranto verdadeiro, espontaneo, desfeito,
com soluços crueis sacudindo-lhe o peito,
n'uma infinda anciedade, uma anciedade crúa...
— mais larga do que o mar, e mais triste que a lua!

Já não qu'rendo vêr mais do seu nome as ruinas,
apagou, com um sopro, a luz das serpentinas,
e sósinho ficou na escuridão murado...
Ali, tragico e só, livido, esguedelhado,
saciado de fel, contou, com ancia escura,
os mil negros calháos da Rua da Amargura.
Ali, elle reviu, como n'um sonho informe
todas as mil paixões do Passado desforme,
todo o scenario vão do theatro monstruoso,
onde elle fora heroe e histrião glorioso,
dourado de ouropeis, lusente nos tablados,
mas que, agora a escorrer sangue, os braços cortados,

via-se ignobil, só, polluído, miseravel,
n'elle pezar, sem dó, a mão do *Irremediavel!*
Ali, elle reviu suas noutes de orgias,
sua paixão do Jogo, e as nodoas e avarias,
com que manchára o nome excelso dos Avós,
e o despejo immoral, sacrilego, feroz,
com o qual enlaivou, na lama do enxurdeiro,
o brazão de seus Paes que enramára o loureiro!..

Quando elle estava assim ancioso e desolado,
immerso em trevas só, qual Lusbel derrotado,
maldizendo dos seus o horrendo cataclysmo,
nos primeiros degráos assentado do Abysmo,
sentiu no corredor, para o qual olhou duro,
alguem, que com fragor, caminhava, no escuro...

Esse alguem caminhava, em passo tardo e grave,
como um grande colosso, um gigante, uma nave...
e emfim entrou na salla e ficou quedo á porta.
— Não era um vivo, não!... nem branca mulher morta,
nem sombra de um heroe, que se erguesse da lousa,
nem espectro d'*alguem!*.. Era uma informe cousa.
Tinha uma forma vaga, indistincta, indecisa,
d'essa côr que se esquiva ao olhar quando analysa,
de forma irregular como a rocha e as collinas,
cheia de heras tambem, assim como as ruinas...

Por largo tempo esteve a sombra assim parada,
em frente de Raul, torva, sem dizer nada:
mas como o conde, emfim, turbado, estarrecido
perguntasse: — quem és?.. quasi com um gemido,
a sombra então fallou, com rude voz queixosa,
como o vento que bate uma torre musgosa...

«Sou a alma, gemeu, do Palacio vetusto
que te venho clamar: — Barão pródigo e injusto!
tenho, em silencio, ouvido os échos das risadas
de orgias retinir nos sallões, nas escadas,
nas torres, nos pinhaes, nos bosques, nas devezas,
e escutado tambem teus gritos nas torpezas!..
— Por isso as sallas onde, outrora, houve guerreiros,
paredes, torreões, jazigos, reposteiros,
barbacans, corucheos, muralhas, corredores,
perguntam-te, a uma voz, — *onde estão teus Maiores?*
Neto, sem coração, de homens intemeratos!
porque foste vender, e arrancaste os retratos
dos solemnes Avós de barbas prateadas,
que o luar, pr'a os vêr bem, violava as sacadas,
o sol benzia-os de oiro, a afflicta ventaneira,
vinha, coberta d'ais, limpar-lhes a poeira,
e os salgueiros, ao pé dos lagos macilentos,
sempre estavam, á lua, a fazer cumprimentos?..
— Vendeste, sem rebuço, os teus antepassados!
Quanto oiro te rendeu seus cabellos prateados?..»

Mas, como o conde, a fronte e olhos no chão anciosos,
nem ousava mover-se, — em passos vagarosos,
o Espectro se affastou na penumbra da salla,
e, largo tempo, o olhou. Depois, com lenta falla,
ao retirar-se, emfim, dando um rouco suspiro,
susurrou devagar... — *Punir-te-ha o Vampiro!*

IV

Processo de um corpo branco

É uma figura magica, sem vida, um idolo! Não é bom encontral-a no nosso caminho!...

GOETHE.

Quando Raul voltou a si do tôrvo espanto,
que tomára o logar do desespero e o pranto,
em que seu coração chagado havia immerso,
como na escuridão de um lôbrego universo,
que o açoute de Deus houvesse ensanguentado,
depois de o haver, em pranto e trevas, amassado...
passou-lhe pela mente a idéa da mulher,
que lhe fôra ruina!.. E então, sem se conter,
lembrando-se do mal que ella ao seu lar levára:
da sua velha mãe que a casa desertára:
sua noiva fiel que a loucura extinguira:
sua ruina, e o *mais!*.. uma tragica ira
tão vasta se apossou do conde, que, no excesso

de seu furor, correu, quasi insano, possesso,
para a alcova onde a dama estava a repousar,
com a intenção brutal, feroz, de a arremessar
debaixo de seus pés... e, ali, fruir o goso
de vêr trémulo, aos ais, seu labio desdenhoso.

Mas qual pasmo o seu foi, quando, crendo-a no leito,
viu a dama gentil, ar róseo e satisfeito,
digno de um seraphim das regiões do Norte,
em frente de um ventrudo e enorme cofre-forte,
com as mãos, liriaes, perfumadas, macias,
—a revolver o ouro, as notas, pedrarias!..

Ficou desasisado. E travando-lhe o braço
levou-a brutalmente e com rapido passo,
quasi que aos empuxões, com um *rictus* feroz
para a sala deserta e escura dos Avós...
e abrindo uma janella, a fronte expondo á aragem,
para esfriar a febre, armar sua coragem,
sombr o, a passear, ao comprido e ao largo,
fez-lhe assim seu libello, entre ironico e amargo:

—Ó vampiro gentil, tens n'alma um cofre forte!
É a libra esterlina, a hostia de ouro, o norte,
que a mente te seduz, e a alma te norteia,
teu sol loiro de maio, e clara lua cheia!..
Carne branca e venal, irmã gémea da morte,
ó vampiro gentil, tens na alma um cofre forte!..

Corpo macio, e lindo, e cheiroso a pomadas!..
minha alma ensanguentaste e crivaste a facadas,
como um morto, na herva, atirado de bruços,
cujo labio, ao morrer, se crispou em soluços...

És mais vil que os ladrões que matam nas estradas,
corpo macio, e lindo, e cheiroso a pomadas!

Inda te has de enfeitar, p'ra seduzir Satan,
nas flammas infernaes, ó loura barregã,
que tens vivido a armar com teu cabello louro,
teias aos corações, como uma aranha de ouro...
— Com teus labios carnaes, côr da aurora e romã,
inda te has de enfeitar, p'ra seduzir Satan!

Mortos, namorareis os bichos e os cyprestes
largos olhos azues, que venenos me déstes,
e que heis passado a vida a sorrir com mysterio,
a arruinar corações, e a encher o cemiterio...
— Largos olhos azues, mais terriveis que as pestes,
mortos namorareis os bichos e os cyprestes!..

Minha angelica mãe!.. perdôa se hei gafado,
como o louco hespanhol D. Juan debochado,
a minha alma no Vicio, e em noites libertinas,
e esqueci, no bordel, tuas licções divinas!..
O meu nome, o meu brio, meu ideal aládo,
minha angelica mãe!.. perdôa se hei gafádo!

A orgia desbotou-me, e cavou-me as olheiras!..
Atasquei a minha alma em lama das regueiras,
em noites de deboche, em noites mal dormidas...
Maculei meu amor com as venaes perdidas,
e, ah como D. Juan, de lyricas maneiras,
a orgia desbotou-me, e cavou-me as olheiras!..

A minha alma entreguei a um branco monstro lindo,
que gentil e glacial, sempre o labio sorrindo,

fez-me esquecer, com mil nunca sonhados gosos,
as minhas Illusões de olhos maravilhosos!
— A rir dos Céos, de tudo o que é augusto e infindo,
a minha alma entreguei a um branco monstro lindo!

Ó noiva que esqueci, meu lyrio argenteo e fino!
perdôa se ennodoei minha honra e meu destino,
e seguiu-me a matilha ululante do Erro...
— Estou mais pallido, ai, que as tochas de um enterro!
Derrama um olhar piedoso ao doido libertino,
ó noiva que esqueci, meu lyrio argenteo e fino!..

Mulher de mãos ducaes, e largos olhos sérios!
quem me déra oscular-te esses labios siderios,
e em teu olhar perdido... errante, alheado, mudo,
desmanchar-te, no seio, as tranças de veludo!..
Perdôa se laivei os meus sonhos aéreos,
Mulher de mãos ducaes, e largos olhos sérios!..

Tenho como Jesus, minha chaga do lado!
Estrangeira gentil! por ti é que hei deixado
a minha noiva amada, e os meus amores primeiros,
como as flor's sob os pés poentos dos caminheiros...
Na taberna e o bordel me assentei tresnoutado...
Tenho como Jesus, minha chaga do lado!

Carne branca, gentil, perfumada, e galante!
ris-te das illusões do meu peito arquejante,
e folgaste em rojar minha alma lacrimosa,
debaixo dos teus pés, com chapins côr de rosa...
E's mais fria que a cova, ó lubrica bacchante,
carne branca, gentil, perfumada, e galante!..

Ilhas cheias de neve, ó seios côr da lua!
os mil convulsos ais de uma alma que estúa
desfillam ante ti, submissos, solitarios,
como em rubro areal, sem fim, os dromedarios...
Sois mais frios que a pedra e que os calháos da rua,
ilhas cheias de neve, ó seios côr da lua!

Tua alma é uma cova, e teu olhar coveiro,
teu ideal o *bom tom,* o teu deus o Dinheiro,
e as santas illusões do amor e os seus arcanos
só bellos p'ra planger nas teclas dos pianos...
Se a tua carne exala um voluptuoso cheiro,
a tua alma é uma cova, e teu olhar coveiro!

Nasceram p'ra abraçar a ladrões e palhaços
teus braços de setim, os serpentinos braços,
com que enlaças, a rir, entre caricias fátuas
meu peito contra o teu egual ao das estatuas!..
Teus braços de setim, de amantes nunca lassos,
nasceram p'ra abraçar a ladrões e palhaços!..

Estrangeira sem alma, Estrangeira de gello!
tu arrasaste, a rir, o eirado altivo e bello,
d'onde eu via do Azul a suavidade fina...
Nada me resta mais que vergonha e ruina!..
— Enforca-me, afinal, no nó do teu cabello,
Estrangeira sem alma, Estrangeira de gello!»

Raul, depois de ter assim soltado a ira,
mais da angustia o travôr que tanto o consumira
de haver, como um vulcão, explosido a sua flamma,
aguardou em silencio... as injurias da dama.

Ora a dama, porem, em vez de altivamente
se insurgir, revoltar, bater o pé, fremente,
com largos ademans de sultana ultrajada...
ao contrario, silente, a cabeça inclinada,
sem perder nunca a linha esmerada e distincta,
assentada n'um canto, em dúbia meia tinta,
com seu ar vaporoso e gestos elegantes,
passeava, calada, a mão em seus brilhantes.

Raul, que suppozéra anti si vèr um rosto,
convulso pela ira, o terror, o desgosto,
protestar, debater-se, em gritos, em gemidos,
arrancando o cabello, ou rasgando tecidos,
e, ante si, viu sómente um silencio elegante,
algente e receoso... acalmou n'um instante,
e clamou com desdem, n'um rir caustico e franco:
Tu não és uma alma: — *És só um corpo branco!*

V

Soa de novo o canto

O misero não é senhor de si, emquanto dura aquella magica harmonia...

SCHILLER.

Assomou-se á janella. — Olhou, com magoa, a estrada,
e a paysagem que a lua, alva como hostia alçada,
lavava, prateando as florescencias claras...
Que importavam á lua as lagrimas amáras,
que elle sangrar sentia?.. A dòr intraduzivel
das Gerações não turba o Azul impassivel.

Os cravos da Afflicção, mais os gritos funéreos
que importam ao luar e aos grandes bosques serios,
ás fontes musicaes, ou aos rosaes lascivos,
aos poços bocejando, e aos montes pensativos?..
Por que morreu Jesus e carpiram Ascetas
não deixaram de ter aromas as violetas,
e o supplicio mais crú de um justo, um miseravel.

não turba a Natureza egoista e inabalavel.
Seja a quem quer que fôr que sangrem os espinhos
os seus ais não farão calar os passarinhos:
não pararão, nos ceos, os estrellados mundos,
nem o rir dos pardaes e os riachos immundos...
e é o sangue que cáe dos vencidos escravos,
—que dá mais viço á rosa, e mais essencia aos cravos!..

Todavia Raul não despregava o olhar
dos montes e pinhaes, a que o clarão lunar
dava um tom alvadio, amoroso e leitento ...
Mau grado a sua angustia e inarravel tormento,
sentia uma piedade entranhada e infinita
por essa Natureza, essa mãe preza e afflicta,
que tem prantos tambem, que são os mar's e os rios...
E ocorreram-lhe, então, os mil heroes sombrios,
tão luctuosos como elle!.. aos quaes a sorte crúa
as almas converteu em ruinas sem lua.

Poz-se então a entoar, n'um tom de melopea,
este canto feudal... que lhe occorrêra á idéa:

O cavalleiro da Saudade

Trago, no meu escudo, a roxa flôr Saudade,
que mandei esculpir, em campo todo escuro.
Meu ar triste entristece o coração mais duro,
e faz quedar de espanto os que andam na Cidade...
—Chamo-me o *Cavalleiro infeliz da Saudade!*

Meu peito verte sangue, a minha alma é doente!..
Tenho o ar de um viuvo a carpir uma *morta,*

cujo caixão passou, entre gritos, a porta.
— Como, no mar do Polo, um chagado poente,
meu peito verte sangue, a minha alma é doente!..

Quando entro n'um torneio, olham p'r'o meu escudo,
onde está esculpida esta flor mysteriosa,
que só comprehende uma alma, assim como eu, luctuosa!
— Trago os olhos no chão, meu labio è sempre mudo.
Quando entro n'um torneio, olham p'ro meu escudo.

Foi um rei que perdeu seu reino e seu castello!..
dizem baixo, em redor, quando entro na estacada,
de lança em riste, turvo, e a viseira callada.
— E as damas, entre si, repetem d'ar singello:
Foi um rei que perdeu seu reino e seu castello!

Mas, no emtanto, eu não choro uma noiva defunta,
branca, de mãos em cruz, n'um gothico carneiro,
nem um reino arrasado, e um castello roqueiro...
— Não revélo o meu mal a quem meu mal pergunta!
Mas, no emtanto, eu não choro uma noiva defunta.

Todavia a que eu amo é mais morta que as mortas,
que dormem sob o altar das cathedraes, entre hymnos,
incensórios, vitraes, e responsos latinos.
— Viva é como eu, e tu Luz que confortas!..
Todavia, p'ra mim, é mais morta que as mortas!

Róe-me a saudade só de um olhar que me deu,
de um olhar sideral, de um célico sorriso...
no qual eu enxerguei os mil sóes do Paraizo.
— Como Satan chorando as estrellas do Céo,
roe-me a saudade só de um olhar que me deu!

Visto o luto sem fim de um amor impossivel,
que me combusta o peito, a memoria, a lembrança,
— de um amor sem remedio, um amor sem esper'ança,
que me amarra na terra a um phantasma incoercivel...
— Visto o luto sem fim de um amor impossivel!

Trago, no meu escudo, a roxa flor Saudade,
que mandei esculpir, em campo todo escuro.
Meu ar triste entristece o coração mais duro,
e faz quedar de espanto os que andam na Cidade...
— Chamo-me o *Cavalleiro infeliz da Saudade!*

Quando o conde acabou a pallida ballada,
ficou absorto e mudo, a cabeça inclinada,
com o ar sonhador do infeliz paladino...

Depois sacou do bolso um frasco crystallino
que continha veneno... Alçou-o até á bocca.
Mas a Estrangeira então, rapida, insana, louca,
segurando-lhe a mão, disse baixo, em segredo
com um ar dementado, o olhar errante, a medo...
— «Devéras váes matar-te?.. É certo?.. Estão já lassos
os teus desejos, pois?.. Não tens goso em meus braços,
nem no meu corpo rijo, esculptural, perfeito?..
Quer's um branco caixão?.. Olha: tens o meu peito!..

Mas dizia tudo isto airada e humildemente,
com a voz musical... mui pausada e plangente,
juntando as mãos, o olhar languido e amoroso,
com seu ar transcendente, e gesto vaporoso.

Sorriu, mordeu Raul, levemente, co'os dentes...
Depois teve uma idéa. Os braços quaes serpentes
enlaçou-os tão bem ao pescoço trigueiro
do conde, que sentiu o embriagante cheiro
da carne sensual, do elastico cabello...
Foi como que um delirio, um sonho, um pezadello!...
Sua pallida mão, pausadamente, mansa,
começou, lenta e lenta, a passear-lhe na trança,
e em breve choveu n'elle esse clarão mavioso,
que entorna, com mysterio, a lua azul do Gozo,
em jardins de visão... com mil architecturas
bizarras, visionaes, nudezas, e verduras
alcovas côr de rosa, aves raras, e flores,
procissões de mulher's, flautas, incensadores...

Sobre a salla o luar estendia alva esteira.
Vinham exhalações de flor de larangeira...
Começou a cantar.—Elle cerrou os olhos.
Que canto extraordinario!... Em cima dos abrolhos,
dos verdes hervaçaes, dos hiantes abysmos,
que par'ciam já ter arádo os cataclysmos,
e sulcado talvez a flecha do corisco,
tudo que era silencio, assolação, e risco,
percorria, a chorar, anjo de branca trança,
que erguia as mãos aos Céos, a dizer:—*Sem esp'rança!*
Que canto aéreo e ideal!... Apertou mais ainda,
ao peito, aquella carne esbelta, branca, linda,
e sorveu, com furor, dos astros aos mil lumes,
seus cabellos sensuaes, escorrendo perfumes...
Que canto nunca ouvido!... Em jaspeada cascata,
parecia ouvir tinir mil lagrimas de prata,
e em cima dos calháos das estradas luarentas,
para elle avançar figuras macilentas,

com os seios em sangue e rotos os vestidos,
por um negro luar, os cabellos caídos
no dorso, até ao chão, as mãos magras, geladas,
dizendo: — *Quem conhece as almas enlutadas?...*
Sobre a salla o luar estendia alva esteira.
Vinham exhalações de flor de larangeira...
Que canto excepcional!.. Apertou mais ao peito
esse corpo gentil, sideral, sem defeito,
e com furia de amor, em dourados novellos
desmanchou-lhe, no seio, os lúcidos cabellos.
E o canto continuou... Parecia os arvoredos,
as ondas com fragor, os lividos rochedos
os cyprestes, de ar grave, olhando os cemiterios,
os curvos cannaviaes, os graves bosques serios,
e com feras tambem, de expressões dolorosas,
dizendo: — *Quem tem dó das almas silenciosas?..*
Que frenesins de amor!... Jamais no seu passado,
nas alcovas ducaes, ou n'um bordel deitado,
com meretrizes vis, de vida crapulosa,
ou marquezas gentis com unhas côr de rosa,
jámais fruira assim gosos taes e tão gratos,
como n'aquella salla antiga... sem retratos!
O luar sobre a salla estendia alva esteira.
Vinham exhalações de flor de larangeira...
Estreitou-a inda mais... E o canto grave e lento
continuou, com um tom dorido e somnolento,
como um canto de enterro, arrastado e mui terno,
procedendo de um mundo, onde o pranto é eterno,
e onde vultos sem côr, as palpebras descidas,
olhos sempre no chão, as mãos sempre torcidas,
não se atrevendo a olhar as vastidões bemditas,
carpiam: — *Compaixão para as almas proscriptas!...*
E continuava sempre, em notas lacerantes,

esse chuveiro d'ais, de rubins, de brilhantes...
A lua, sobre a salla, estendia alva esteira.
Vinham exhalações de flores de larangeira...
E occorriam-lhe, então, em tropel, mil imagens,
que Raul vira já, em tropicaes paysagens,
com palmeiras em leque, e kiosques com aves:
via damas liriaes, com palavras suaves:
trepadeiras azues ornando uma varanda,
e, n'ella, uma duqueza ideal e normanda:
uma camara azul, cheirando a extranha essencia:
voluptuosos perfis de damas da Regencia....

O canto emfim cessou.—E, nos braços da dama,
elle sentiu seu sangue, em borbotões de flamma,
sob os beijos mortaes do róseo labio lindo,
lentamente, se ir esvaindo... esvaindo....
Sobre a salla o luar estendia alva esteira.
Vinham exhalações de flor da larangeira...

No outro dia, ao romper o alvor da madrugada,
e, ao penetrar na salla, uma velha creada
gritou,—pois viu o conde esqualido e estendido,
a face sobre o chão, estirado ao comprido
no tapete,—aliás de sangue limpo e enxuto,—
pallido e exangue, assim como sorvido fructo.

—Mas mais dobrou o pasmo, a mágoa e horror, decerto,
quando se viu que *alguem* lhe havia a entranha aberto:
e, com pericia rara, e um primor perfeito,
havia-lhe arrancado o coração do peito.

Ninguem mais viu a dama. O cantico sidéreo
nunca mais, alta noute, echoou no cemiterio.
Só alguem lobrigou, n'uns ramos de espinheiro,
que cresce e deita flor sobre um despenhadeiro,
da mulher mysteriosa, ao sopé de um barranco,
um fragmento, ao luar, do seu *vestido branco*...

VI

O reflexo inesperado

> Mas, durante este tempo, dançava-se no palácio de Silvius Scaurus: uma clamorosa orgia reunia todos os senhores das cercanias: e resoavam, harmoniosamente, os tymbales e oboés...
>
> *Bardit.* Trad.

Senhor! quando acabei de narrar minha lenda,
damas esculpturaes, com decotes de renda,
e convivas gentis de rosas na lapella,
turbáram-se de horror mysterioso áquella
historia extraordinaria... e muito rosto sério
enfiou, ao roçar-lhe a aza do mysterio.

Mas, um d'elles mais róseo, engommado, e perfeito,
com grande ar theatral, e seis *crachats* no peito,

poz-se a rir, e a frechar com desdenhosos tiros
de sarcasmo e ironia, a crença nos *Vampiros*.

Mas eu, alçando então, de novo, a voz na orgia
n'um canto amargo em que estallava a Ironia,
dei risadas joviaes..... Dir-se-hia que chorava
as afflicções da patria, e ria, e gargalhava,
e uivava de furor!... Dir-se-hia orchestra rara
e bizarra de sons, em que uma tuba clara
se casasse ao oboé e ao flautim argentino,
e o clangor do clarim a um dobre de sino.

Marquei, a ferro em braza, as corrupções ruins
dos grandes: e encarvoei seus rostos de arlequins:
provei que tudo está baixo, servil, corrupto:
que em quanto Londres folga, a Irlanda está de luto:
dissequei com ar frio, a mão firme, a escalpello,
a farça atroz do Luxo, o Velludo, e o Chinello:
e esfiando o rosario intérmino das dôres
do Povo, em quem carréga o pé dos Oppressores,
dos grandes apontei seus vicios e regallos
contei os seus *crachats*... e ri-me dos seus callos.
Provei que homens servis, politicos somnambulos,
mau grado o não usar o *maillot* de funambulos,
são, nos povos actuaes, risiveis e farçantes...
Fazem lembrar sanguins em cima de elephantes!

Provei que os histriões que estão no consulado
são o bando mais charro, e grotesco, e safádo...
capazes de entregar as terras descobertas,
ao Germano e ao Bretão, tendo boas offertas:
e, depois de estriar em cinza a patria lava:
a alma da nação suppôr tornar escrava:

de vender ao Estrangeiro os portos os mais bellos,
as torres dos Avós, as chaves dos castellos,
de entregarem por fim... com fausto palaciano...
n'uma salva de prata, a fronte do Marianno:
que, em vez da Salomé, trará ao louro Inglez
o menestral Feijó, vestido de chinez:
ou, então, de turbante e roupagens talares,
vestindo á moda syria, o Justino Soares.

Ó ricos, maioraes, consules, senadores!..
estadistas, subtis, sabios, legisladores!
vós vendereis, um dia, o Ideal resplendente,
e as rodas do seu carro, ouro em fusão candente,
a Harmonia, a Belleza, e o lacrymoso bando
das brancas Illusões, todas nuas, chorando,
a Gloria, e a Mocidade, a generosa quadra,
a retalho, em leilão, — sobre a feira da Ladra!

Dei risadas joviaes... largas risadas claras,
em que havia um travôr de lagrimas amáras.
Dei risadas joviaes... largas, com frio entono,
como o vento que açouta as boscagens do outomno.

E, ironico, ajuntei: — Cavalheiros!... a Ira
póde um dia, arrancar a masc'ra á Mentira,
e vêr-se-hão, talvez, d'aqui muitos convivas,
— junto a damas gracís, de seu olhar captivas, —
correctos, theatraes, polidos, elegantes,
cavalheiros gentis, com botões de brilhantes,
e com pedras de anneis, que teem da Ursa os brilhos,
enforcados morrer, ás mãos de maltrapilhos,
e, do vento aos baldões, n'um largo caes ou rua,

cumprimentar o mar!... deitar a lingua á lua!..
O poeta maldiz toda a morte violenta.
Mas, Cavalheiros!.. quem pôz já freio á tormenta?..

Pintei depois, carpindo, as cidades saqueadas,
nossos filhos sem pão, as mulheres violadas,
pelo impudor brutal do soldado estrangeiro...
Relembrei, com um tom pungente e verdadeiro,
do pirata saxonio os ultimos insultos,
os impostos crueis!... nossos campos incultos!...

Ora a plebe, que eu vira esqualida e andrajosa,
no atrio e nos degráos, contemplando, anciosa,
os clarões do festim, perturbada nas almas,
abalançou-se a dar me applausos e palmas...
e rostos enxerguei de magros descontentes,
em que havia furor e rangidos de dentes:
em quanto pobres mães, fransinas, estioladas,
sorriam-me... as feições de lagrimas lavadas!

Mas um certo conviva, effeminado, e oleoso,
de gardenia no peito, alvo, hostil, desdenhoso,
que estivéra na orgia, a noute inteira, rindo,
junto a altiva mulher de busto erecto e lindo,
de riso de sereia, e de anneis estrellados...
disse com largo gesto, e modos sublimados
de leão de faiança:—Ou saí d'esta sala,
d'onde não fazeis parte... e d'isso tomais gala!
ou claro provareis, bem claro, á saciedade,
que os *vampiros* não são lendas da Meia-Edade:
que teem vida real e existencia terrena,
como a aranha, o chacal, a sanguesuga, a hyena:

e mais direis, emfim, se entre as flor's e os suspiros
da Musica... aqui mesmo, existirão *Vampiros!*..

Dei risadas joviaes... frias e crystallinas,
como o luar que báte em capella em ruinas.
Dei risadas joviaes... geládas e transidas,
como o gelo que cáe de abóbadas fendidas.

Mas, depois, levantando um grande brado ancioso,
que resoou por todo esse salão luxuoso,
disse, com tôrva voz, penetrante e vellada,
que o sangue lhes coalhou como barbara espada:
«Em nome d'esses Ser's sublimes, transcendentes,
que pairam pelos Ceos, benéficos, videntes,
inimigos do Sangue, o Exterminio, e as pilhágens
—nos espelhos, em frente, olhae vossas imagens!..»

Tragico anceio, então, moveu os convidados
a seus rostos fitar nos crystaes apontados...
Mas um grito estridente, um grito espavorido,
de assombro, ancia, e terror, um grito nunca ouvido,
dos seus lábios saíu, difficil de narrar...

E' que, em frente, surgira um quadro singular.
Em vez da taça em mão, no labio o riso e o canto,
muitos viram-se a si, frios, mudos d'espanto,
não no alegre festim, perfumados de flores,
junto a damas liriaes, que induziam a amores,
e aos brilhos de metaes, lustres, e pedrarias...
mas n'uma bachanal, digna só das harpías,
cavados e sem côr... olhos báços e airádos...
roendo corpos já mortos e esverdeados,

mas inda com signaes do incrivel mal sem nome
dos que morrem sem sangue... ou finâram-se á fome!

Ora, então, viu-se bem que as legendas escuras
dos Avós não são vãs!.. Como, entre as sepulturas,
nos reinos tambem veem alojar-se os *Vampiros*.
—Ai d'aquelles nos quaes elles traçam seus gyros!...

Post-Scriptum

Ouvi dizer, Senhor, que a Imprensa que deplóra
e flágella dos vis os negregádos fins,
em vez de ser julgáda em tribunaes, agora,
é mandada pilhar por mãos de beleguins!..

Declára, pois, Senhor, a essa infima horda,
que se a Lei se atropélla e impéra a Revelia...
póde ser que tambem os julgue, um dia, a Corda,
o pelourinho... o archote... a treva... a onda fria!..

Adverte-os mais, tambem, que quem as classes servas
quer premir e calcâr a arbitrarios caprixos,
póde ir, sem tal pensar, servir de pasto ás hervas,
e, ao cabo de um festim, tomar café c'os bixos!..

Adverte-os, inda mais, que, se o povo é rebanho
mui facil de cardar, tambem tem suas luas...

—O livido Marat é morto, a tomar banho...
—Vasconcellos acaba, arrastado nas ruas...

Dos degráos do Poder ao estrume do lameiro
vai a espessura só de um trémulo cabello...
—Vitellio vai morrer no canil de um rafeiro...
—Andrónico apupado, em cima de um camello...

Adverte-os mais, Senhor, que onde ha iniquidades
logo se ouve o ruir de prisões e grilhetas...
Sobre constellações, nuvens, sóes, claridades...
a Idéa paira e vôa, a rir-se das bayonetas!

Herculano e Garrett!.. ó grandes desterrados
que carpistes a patria... em torrão estrangeiro!...
em prol da Liberdade, os braços esforçados
por que alçastes, heroes?.. Eil-a ahi no enxurdeiro!

Eil-a ahi, ó miseria!.. o ouro fulgente e puro
do seu cabello astral rojando por sentinas!...
mais tôrva do que Job, chorando, em seu monturo,
mais triste do que Mario, assentado em ruinas!..

Indice

Antes de começar 5
O letreiro dos enforcados 7
I A Dama Triste 17
II Curiosos enygmas de uma mulher pallida 23
III A alma do velho Palacio 33
IV Processo de um corpo branco 39
V Sôa de novo o canto 45
VI O reflexo inesperado 53
Post-Scriptum 59

—O livido Marat é morto, a tomar banho...
—Vasconcellos acaba, arrastado nas ruas...

Dos degráos do Poder ao estrume do lameiro
vai a espessura só de um trémulo cabello...
—Vitellio vai morrer no canil de um rafeiro...
—Andrónico apupado, em cima de um camello.

Adverte-os mais, Senhor, que onde ha iniquidad
logo se ouve o ruir de prisões e grilhetas...
Sobre constellações, nuvens, sóes, claridades...
a Idéa paira e vôa, a rir-se das bayonetas!

Herculano e Garrett!.. ó grandes desterrados
que carpistes a patria... em torrão estrangeiro!
em prol da Liberdade, os braços esforçados
por que alçastes, heroes?.. Eil-a ahi no enxurdei

Eil-a ahi, ó miseria!.. o ouro fulgente e puro
do seu cabello astral rojando por sentinas!...
mais tôrva do que Job, chorando, em seu montu
mais triste do que Mario, assentado em ruinas!.

Indice

..... 5
..... 7
..... 17
a mulher pallida. 23
..... 33
branco..... 39
..... 45
..... 53
..... 59

PREÇO 300 RÉIS